

***Mi* na tradição japonesa e a educação¹**

Chie Hirose²

Resumo: A língua japonesa oferece importantes indicações para a Antropologia e a educação: este artigo examina a palavra *Mi*, que aponta para um corpo “expandido”, relacional, e “transcendente” (em oposição ao corpo fragmentado, “isolado” proposto pela moderna filosofia ocidental – desde Descartes –, realidade estanque na dicotomia mente/corpo). Os diversos sentidos acumulados em *Mi* são expostos por meio de provérbios.

Palavras Chave: Corpo. tradição japonesa. Educação. *Mi*. provérbios japoneses.

Mi in Japanese tradition and Education.

Abstract: Japanese common language offers important hints on Anthropology and on Education: specially the word *Mi*, for the “expanded” body, the “relational” body, “transcendent” body (in opposition to the fragmented, “isolated” body of the modern western Philosophy – since Descartes –, separated by the mind/body dichotomy from the whole of human reality). In this article, the confounding senses of *Mi* are presented through proverbs.

Keywords: Body. Japanese tradition. Education. *Mi*. Japanese proverbs.

***Mi*(身) - O Corpo no Pensamento Confundente**

O corpo tem um caráter misterioso no “eu” de cada um: certamente, não somos nosso corpo, mas, de algum modo, sim o somos: o corpo não é meramente “tido”, ninguém diz “meu corpo está com gripe” ou “você chutou o pé do meu corpo”; o que se diz é “Eu estou com gripe”, “você me chutou”.

O Ocidente, com seu afã de ideias claras e distintas, uma e outra vez, propõe uma dualidade radical corpo/espírito, deixando por resolver os evidentes fatos de integração, como as doenças psicossomáticas e – podemos acrescentar hoje – os fenômenos somato-psíquicos. Não só um desgosto espiritual produz ácidos que podem causar uma úlcera material, mas também as alterações do corpo afetam o espírito. Que o diga o meu acupunturista, que com um par de agulhas é capaz de dissipar temores ou rancores espirituais.

O Oriente, tradicionalmente, ao contrário do Ocidente, não tem a necessidade de teorizar aquilo que pratica, sabe por experiência que as coisas funcionam assim ou assado e isto basta. Já o viés ocidental – sempre tipicamente falando – só aceita, digamos, uma terapia, se dispuser do modelo teórico adequado que a “fundamente”: quantos médicos ocidentais recusam, por exemplo, a acupuntura, por acharem que noções como a de *Qi*, energia, são vagas e insuficientes? Mesmo confrontados com a comprovada eficácia do tratamento, não o prescreverão. O oriental, que não prioriza o “sistema de pensamento”, acolhe a prática que se mostra eficaz. Assim, a tradição oriental pensa o homem como um todo: corpo-espírito, e integrado num todo maior: homem-natureza.

¹. Originalmente, conferência no *I Encontro Cemoroc Educação: Os Orientes*. São Paulo, 21-12-11.

². Doutora em Educação Feusp. Professora das Facs. Integradas “Campos Salles”. hirosec@hotmail.com

Nosso olhar se dirigirá a um conceito antropológico essencial na tradição japonesa: o de *Mi*. Numa primeira aproximação: *corpo, self, realidade humana* etc. – e a dificuldade de apreensão, de explicitação, parece elevar-se ao infinito. Não que se trate de um conceito bizarro, artificial ou estranho, mas precisamente por sua adequação e acerto torna-se tão inapreensível quanto o próprio homem. Para o *Mi*, como para os grandes temas antropológicos, sempre vige aquela famosa e felicíssima observação de Agostinho, originalmente refletindo sobre o que é o tempo: se ninguém me pergunta, eu bem sei o que ele é; se eu quiser explicar, não sei (*Si nemo me quaerit, scio...*).

Uma dificuldade adicional provém do fato de que temos – como costuma ocorrer no sistema língua/pensamento oriental – uma relativamente alta acumulação semântica em *Mi*, em comparação com as abordagens ocidentais: *Mi* é o corpo e ao mesmo tempo o homem todo; *Mi* é o *self*, *Mi* pode ser o eu etc. Se bem que, na verdade, mesmo as antropologias ocidentais acabam incluindo - de modo mais ou menos consciente e explícito - o corpo como, de algum modo, base para o homem todo, sem que isto implique nenhum tipo de materialismo ou exclusão do espírito. Nesse sentido, note-se de passagem as formas inglesas, tão familiares que o próprio falante do inglês talvez nem repare mais em sua profundidade: *everybody, somebody, anybody, nobody* etc.

Outro fator complicador dessa nossa reflexão sobre o *Mi* decorre do fato de que o conceito de corpo, no caso, vem embutido num sistema de articulações semânticas distinto daqueles que são usados pelo leitor ocidental (tenha-se em conta, porém, que o falante japonês, se perguntado pelas palavras para corpo em seu idioma, dificilmente se lembrará de *Mi* – que, sim, é usual, mas procede de tempos ancestrais – e recordará, antes, outros vocábulos, mais próximos da semântica ocidental).

Feitas essas observações, podemos agora começar a aproximar-nos do conceito *Mi* e, para tanto, o caminho dos provérbios e expressões idiomáticas parece adequado. Naturalmente, trata-se aqui somente de uma primeira e informal aproximação.

Os provérbios japoneses voltam-se principalmente para a descrição/compreensão do ser humano. Ele jogam com o abstrato e o concreto e destacam, talvez, os aspectos relativos à convivência, na melhor tradição confuciana.

O imenso dicionário da editora Robert (1989: 562), que apresenta provérbios de todo o mundo, diz dos japoneses que eles têm um “*charme particulier*” e mais elegância e leveza do que os de outras línguas.

Os provérbios que apresentamos a seguir foram extraídos das coletâneas que indicamos nas referências bibliográficas; projetos editoriais ousados que buscaram recolher os provérbios e/ou expressões idiomáticas mais conhecidas dos japoneses.

Como lemos no prefácio de um desses dicionários:

“Estes provérbios e estas expressões foram por muito tempo utilizados entre as pessoas que falam a língua japonesa, portanto enraizados na vivência delas. Numa pequena palavra pode-se encontrar significado profundo que toca forte e diretamente no coração, e encontramos não poucas destas palavras no nosso cotidiano, convivendo bem próximas de nós. Ao utilizarmos estas palavras (ou expressões), conquistamos uma riqueza maior na nossa comunicação, e ela se torna ainda mais prazerosa.” (Ed. Sankou, 1994:1)

O conceito de *Mi* nos provérbios

Começemos por observar que *Mi* aparece numa palavra já bem conhecida entre nós: *Sashimi*. Portanto, o leitor brasileiro está familiarizado com um primeiro significado de *Mi* (se quisermos adaptar ao padrão ocidental, que distingue em várias palavras o que o japonês confunde em *Mi*), que enfatiza a carne; a carne que reveste o osso, como aparece no particular corte de peixe do *Sashi-Mi*. Assim, quando há uma situação em que está difícil distinguir as coisas, diz-se: “*É pele ou é Mi*”.

Passando para um segundo significado, muito próximo do anterior, temos *Mi* no sentido do corpo físico.

Hara-mo mi-no uti.

O estômago também faz parte do *Mi*.

Este provérbio trata do *Mi* corpo. Ele diz para não nos esquecermos, quando nos alimentamos, de que o alimento e a bebida vão para o estômago, que não está fora do corpo; ou seja, um alerta contra a gula.

Também a sabedoria das expressões aconselha como medida de segurança: “Deixe o dinheiro pegado ao *Mi*”, bem junto de si, como quando as mulheres escondem cédulas entre os seios. Nessa mesma linha, encontramos *Mi* no sentido de base para painéis, caixas, recipientes, que servem para conter (nesse caso, o contraponto é dado por uma tampa), como no provérbio:

Mi mo futa mo nashi.

Sem Mi nem tampa.

O sentido é o de que não tem graça ir diretamente a um assunto, sem os comentários adequados dos aspectos contextuais. Nesse caso, a comunicação é insossa: falta-lhe a carne do *Mi*.

Do mesmo modo, o corpo, também para nós, é estrutura básica, como quando falamos em corpo docente, corpo diplomático, corpo de baile, corpo da guarda, corporação, incorporar, ganhar corpo etc., à margem de outras dimensões: da alma, do espírito, do coração...

Mi, dimensão corporal, pode facilmente estender-se à totalidade: uma vez que o corpo do ser vivo é precisamente um corpo *animado*. Assim,

Mi arite no hokou.

Tendo Mi é que se tem serviço.

Somente tendo um corpo saudável é que se consegue trabalhar. Naturalmente, subentende-se aqui o *Mi* com saúde.

Nessa identificação com o *self*, o *Mi* vale pelo todo da pessoa:

Mi wo sutete koso ukabu se mo are.

Existe o lugar que se abre porque se joga o Mi.

Próximo ao nosso “Quem não arrisca não petisca”, desde que se entenda o arriscar como radical: o próprio eu é que entra em jogo.

A igualdade fundamental entre os homens tem sua base no *Mi*: o que acontece para mim é paradigma do que pode suceder ao semelhante. Nesse sentido, a tradição japonesa aproxima-se do famoso dito de Terêncio: “*Homo sum et nihil humani alienum me puto*”, sou homem e nada daquilo que é humano considero alheio a mim. Ou da, também célebre, sentença de Ortega: “*Yo soy yo y mi circunstancia...*”, circunstância que inclui, sobretudo, outros *Mi*.

Kyou-wa hito-no Mi, ashita-wa waga Mi.

Hoje, o Mi do outro; amanhã, meu Mi.

Incluem-se aí, evidentemente, as incertezas da existência humana, ao sabor do contingente. O que se reflete também em:

Hito-no ue-ni fuku kaze-wa waga Mi-ni ataru.

O vento que sopra em cima do outro, bate em meu Mi...

Hito-no ue mite waga Mi-wo omoe.

Olhe o outro e pense no seu Mi.

Como em muitos provérbios, a mensagem é aberta, tendendo ao neutro. Admite, portanto, múltiplas interpretações; no caso, digamos, pôr a barba de molho, aprender (para o bem e para o mal) com as experiências dos outros, não dizer: desta água não beberei etc. Contingências e futuros incertos; mas também há futuros previsíveis (condicionados pelo passado) e condicionados pelo acaso. De qualquer modo:

Mi areba mei ari.

Se houver Mi, haverá destino.

Seja como for, o principal fator em nossa vida são nossas ações e escolhas. Por elas, em boa medida, somos mais ou menos felizes.

Mi-kara deta sabi.

A ferrugem sai do Mi

O lixo existencial decorre, em geral, de nossa própria atitude diante da vida. Devemos portanto cuidar a moral, que garante a integridade do *Mi*.

Mi-de Mi-wo kuu.

É o Mi que consome (come) o Mi.

O provérbio lembra que a principal destruição é a auto-destruição. Também há a variante:

Mi-de Mi-wo tsumeru.

É o Mi que espreme o Mi.

Akuji Mi-ni kaeru.

Ato mau volta-se contra o Mi.

Todos esses cuidados são aconselhados pelos provérbios porque sabemos que o ser humano vive para si mesmo, e só ele é o sujeito da sua vida.

Mi-ni masaru takara(mono) nashi.

Não há tesouro que supere o Mi.

Mi hodo kawaii mono nai.

Nada é tão encantador como o (bom) Mi.

Sendo o centro mesmo da pessoa, não se pode abdicar do próprio *Mi*:

Ko-wo suteru yabu-wa aru-ga, Mi-wo suteru yabu-wa nai.

Até pode haver matagal para desfazer-se de um filho, mas não para arremessar o próprio Mi.

O *Mi* não é somente a base metafísica do ser humano; ele informa também dimensões como a psicológica, a social etc. Assim, de acordo com o *Mi*, excluem-se certas atitudes, incompatíveis com a dignidade do sujeito:

Mi shirazu-no kuti tataki.

Tagarela que não conhece (não respeita) o Mi.

Pois certos assuntos - ou mesmo o muito falar - não condizem com a dignidade do *Mi*. Mesmo as vicissitudes e contingências da vida são (devem ser) proporcionais ao *Mi*:

Mi-ni sugita kahou-wa wazawai-no moto.

A sorte que ultrapassa o Mi será a base da desgraça.

Aqui, a tradição japonesa aproxima-se da sabedoria cristã que vê o mal como uma desordem (e não como uma entidade positiva).

Com a encantadora forma nossa, "Parabéns!", estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada "para bens". Pois, qualquer bem obtido (o dom da vida, dinheiro ou a conquista de um diploma) pode, como todo mundo sabe, ser empregado para o bem ou para o mal. (Lauand: 2007:47)

Outros provérbios

Mi atataka nareba suimin mashi, Mi yasun zureba ketai okoru.

Se esquentarmos o Mi, ajuda no sono; se acabar a insegurança, surge o Mi preguiçoso.

Ou seja, o ser humano pode se degradar quando permanece numa situação muito confortável.

Mi-no uchi-no takara-wa kutsuru koto nashi.

O tesouro que está dentro do Mi nunca estraga.

O conhecimento e a habilidade aprendidos com muito esforço ajudarão por toda a vida. Como em Mt 6,22: "A lâmpada do corpo é o olho; se teu olho for simples...";

Mi-no tomoshibi-wa me nari.

A luz que ilumina o Mi são os olhos.

Mi-no hodo-wo shire.

Saiba o limite do Mi.

Não se deve desejar mais do que se pode. Analise as coisas lembrando de sua posição e de sua capacidade. (Há também: **Mibun souou-ni kurase.**/ Viva uma vida que corresponde às suas condições.)

Waga Mi-ni itsuwari arumono-wa hito-no makoto-wo utagau.

Quem tem em seu Mi falsidade duvida da verdade do outro.

Quem tem peso na consciência vê o outro com sua medida, duvida do outro, como no célebre provérbio espanhol: "Cree el ladrón que todos son de su condición".

Waga Mi-no kusasa ware shirazu.

O próprio não percebe o odor desagradável do seu Mi.

Seus pontos negativos são difíceis de serem percebidos pela própria pessoa:

Waga Mi-no kotowa hito ni toe.
Sobre o seu Mi pergunte aos outros.

Muitas coisas sobre nós mesmos não podemos perceber sozinhos. O melhor é perguntar aos outros para se auto conhecer. E ouvir com humildade as opiniões alheias.

Ryohou tatereba Mi-ga tatanu.
Se levantar os dois o Mi não levanta.

Considerando as razões dos dois lados, você pode ficar sem a sua razão.

Wagami-wo taten to seba, mazu hito-wo tateyo.
Quer levantar o seu Mi, então comece levantando o outro.

Hito-wo uramu yori Mi-wo urame.
Se é para ficar ressentido com outro, melhor ressentir com Mi.

Antes de ficar odiando o outro, veja se há algo para reavaliar em suas atitudes.

Wagami-wo tsunette hito-no itasa-wo shire.
Beliscar o seu Mi para saber a dor do outro.

A dor que se sente quando se belisca o próprio corpo será a mesma que o outro sente. Assim, devemos nos colocar no lugar do próximo e ter compaixão.

Ada mo nasake mo wagami yori deru.
Tanto o zombar quanto a compaixão sai do seu Mi.

Odiar ou amar alguém depende de como nos relacionamos com ele.

IkiMi-wa shiniMi.
O Mi vivo é o Mi morto.

Fatalmente, todos os que hoje estão vivendo um dia morrerão.

Shoubu goto-no suki-na mono-wa Mi-ga motenu.
Quem gosta de jogo, o Mi não segurará.

Quem gosta de jogos de aposta sucumbirá a eles de corpo e alma.

Investigando a origem do ideograma *Mi* (身), ele é um *kanji* (ideograma) herdado dos chineses. Sua pronúncia é *shen* (身) e difere do som que o japonês atribui atualmente para ele - que pode ser *Mi* ou *Shin* (som assim herdado do chinês). Da mesma forma que a pronúncia foi mudando na passagem de uma língua para a outra, o significado do ideograma também foi se transformando, cada qual influenciado pelos seus falantes. Quem conhece o chinês moderno perceberá que os significados do *Mi* - muitos não existentes no chinês - são diferentes, embora seja o mesmo ideograma.

Este *kanji* pode ser classificado como ideograma de imagem/forma, ou seja, um ideograma que é quase uma ilustração do objeto representado: na origem da escrita chinesa, uma mulher grávida. Com a ajuda da imaginação, *Mi* pode sugerir o perfil de uma mulher carregando um novo ser na barriga; o que, no uso cotidiano, passa inadvertido para os usuários da língua. Há um resquício do significado inicial atribuído a *Mi* na expressão idiomática japonesa:

Mi futatsu-ni naru.
Ficaram dois Mi.

Emprega-se quando alguém teve um filho, ou seja: “*um Mi*”, uma grávida; “*dois Mi*”, depois do parto...

Shen(身), no chinês moderno, corresponde melhor à palavra *karada* (体), mais próxima da nossa “*corpo*”. Em *Mi*, o sentido do corpo recebe vários aspectos adicionais não abrangidos por *karada* (体) ou *jiko, jibun, honnin*(自己, 自分, 本人), etc.

Daí a prevalência do uso de *Mi*, pelo menos nos provérbios e nas expressões idiomáticas. *Mi* pode ser usado para dizer “Coloquei o avental no corpo” (fixar o avental ao *Mi*), do mesmo modo que também é usado para dizer “Adquirir conhecimento” (fixar o conhecimento ao *Mi*).

Observando atentamente os usos de *Mi*, percebemos que é possível reagrupar os provérbios em três classes de associações figurativas (metáforas, metonímias etc.) de captação e tratamento de *Mi*, independentemente de seu significado propriamente dito:

1º No uso mais próximo de carne (osso/pele), tem características que normalmente observamos e associamos aos ingredientes da comida, como: cortar o *Mi*, esfarelar, raspar, amassar, queimar, endurecer o *Mi*; o odor desagradável do *Mi*, etc., metaforicamente significando: sofrer de frio ou de dificuldades, esforçar-se, sacrificar-se ou preocupar-se, consumir-se por paixão, proteger-se, seus pontos negativos etc.

2º No uso mais próximo de recipiente (área para conteúdo), recebe características figurativas que representam algo que tem uma quantidade limite para conter ou suportar uma substância, como: sobrar no *Mi*, ir além do *Mi*, estar abarrotado, colocar o *Mi* etc., indicando: algo incompatível a mim, sentir compaixão, fazer de coração etc.

3º No uso mais próximo de lugar (espaço), recebe características figurativas que representam algo que se move para várias direções. Como na expressão de empatia do português: “colocar-se no lugar do outro”. Podemos aproximar este mesmo sentido à mobilidade que estamos atribuindo aqui ao *Mi*. Neste caso, os japoneses dizem: “Sono hito-no Mi-ni naru”, *tornar-se o Mi do outro*.

Nada melhor para concluir este tópico do que o conto da tradição Ch’an:

O corpo inteiro é o olho

O mestre Ch’an Tao-wu perguntou a Yun-yen: “Kuan-yin tem mil mãos e mil olhos. Diga-me então, por favor, qual deles é o olho verdadeiro?”. Yun-yen retrucou: “À noite, em pleno sono, o travesseiro cai no chão e você o pega sem abrir os olhos e continua a dormir. Diga-me, que olho usou ao pegar o travesseiro?”.

Ao que Tao-wu exclamou: “Irmão no Darma, agora entendo”:

“Entende o quê?”

“O olho é o corpo inteiro.”

Sorrindo, Yun-yen comentou: “Você compreendeu só oitenta por cento”:

Tao-wu, cheio de dúvida, indagou: “Então, o que eu deveria ter dito?”.

“O corpo inteiro é o olho!”

Dizer “O olho é o corpo inteiro” corresponde à compreensão pela diferenciação. Dizer “O corpo inteiro é o olho” revela a verdade por meio da sabedoria de nossa mente, que não faz distinções. Nossa verdadeira mente é o olho perfeito; por que, então, não a utilizar para enxergar os céus e a Terra? (Hsing Yun, 2004: 50-51)

O *Mi* e a ideia de aprendizagem

Trazendo como exemplo a nossa própria experiência pedagógica (Hirose, 2007), quando elaboramos projetos procurando ou não um enfoque ao vínculo, ao corpo e aos sentimentos das crianças, conscientemente ou não, cada educador estará baseado na forma como concebe o ser humano. Por exemplo: “que somos seres que sentimos, pensamos e agimos numa totalidade que integra o corpo, o coração e a mente”. Ao nos lembrar dos vários significados do *Mi*, verificamos que está muito próximo do que tentamos expressar na sentença anterior.

Se nos lembrarmos da expressão “Fixar o conhecimento no *Mi*”, perceberemos a proximidade de pensamento que vemos nesta sentença: “O conhecimento deve ser feito pela totalidade do indivíduo, e não apenas pela razão. E é essa totalidade que modela as imagens às quais o mundo se adapta.” (May, 1975:136) Quando falamos de sentimento, não significa apenas afeto. Significa, segundo interpretação de May, a capacidade total do organismo humano para sentir o seu mundo. “Fixar o conhecimento no *Mi*” consegue conter esta concepção de aprendizagem.

Referências bibliográficas

Hirose, C. *Kyoiku jin... (O olhar da Antropologia da Educação na adaptação intercultural - o caso de crianças brasileiras no Japão)*, Univ. Fed. de Hiroshima: 1997.

Hsing Yün *Contos Ch'an* vol. 2 São Paulo, Mirian Paglia, 2004.

Lauand, J. "Voz ativa, passiva ou... média?" in *Filosofia, linguagem, arte e educação*, São Paulo, Factash, 2007, pp. 185-188.

May, Rollo. *A Coragem de criar*, 14ªimpr., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

Robert, ed. *Robert Dictionnaire de Proverbes et Dictons*, Paris: Ed. Robert, 1989.

Murayama, Makoto. *Kotowaza, Kanyouku, Omoshiro Jiten*, Tokyo: Saera Shobo, 1986.

Nagaoka, Shoten. *Ditsuyou Kotowaza Shoujisho*, Tokyo: Nagaoka Shoten. 1981 (1ªed.) 1992.

Sankou, Shuppan. *Shinpan Koji Kotowaza Shinjiten*, Tokyo: Ed. Sankou Shuppan, 1994.

Recebido para publicação em 29-11-11; aceito em 24-01-12